

MULHERES DA ELITE BRASILEIRA OITOCENTISTA: FORMAÇÃO E ATUAÇÃO NO TEATRO DA SOCIEDADE.¹

Janete Flor de Maio Fonseca²
flormaio@ufop.edu.br

Resumo

Este artigo é um capítulo da tese de doutoramento em História Social da Cultura, na Universidade Federal de Minas Gerais, e trata da educação das mulheres das elites políticas e econômicas brasileira no século XIX. O estudo amplia os lugares de formação para o desempenho de filhas, esposas e irmãs, como a moda, como os salões de baile, a etiqueta no se comportar e principalmente a “toalete” e as produções de moda. Ao mesmo tempo que reafirmamos o lugar secundário que a educação escolar tem para as meninas filhas das elites, discutimos seu papel como anfitriã no teatro social, cuja atuação era imprescindível para os negócios econômicos e políticos dos homens.

Palavras-chave: Mulheres, educação, moda, sociedade oitocentista.

Abstract

This article is a chapter of the doctoral thesis in Social History of Culture, at the Federal University of Minas Gerais, and deals with the education of women from the Brazilian political and economic elites in the 19th century. The study expands the training places for the performance of daughters, wives and sisters, such as fashion, ballrooms, behavior etiquette and especially the “toilet” and fashion productions. At the same time that we reaffirm the secondary place that school education has for girls, daughters of the elites, we discuss its role as a hostess in the social theater, whose performance was essential for the economic and political affairs of men.

Keywords: Women, education, fashion, 19th century society

A educação das mulheres das elites brasileiras na segunda metade do século XIX se pautava duplamente na preparação para o matrimônio e para a maternidade. Para tanto, deveriam adquirir e desenvolver habilidades específicas através de uma educação repleta de disciplinas preparatórias para uma vida ornamental (QUINTANEIRO, 1995). A educação seria capaz de moralizar-lhes os atos, promover uma cultura relativa a “assuntos de mulheres” e prepará-las para serem as futuras educadoras de seus filhos. Educação

¹ Este texto é um recorte adaptado da Tese de Doutorado em História Social da Cultura, defendida em 2007 no Programa de Pós-Graduação em História da UFMG. Veja citação completa nas referências.

² Profa. Assistente III do Departamento de Educação e Tecnologias da Universidade Federal de Ouro Preto.

diretamente voltada para fortalecer o conceito de feminilidade associado à reafirmação de suas obrigações como dona de casa.

Os ideais da domesticidade inspiravam os modelos de currículos das escolas, o campo da chamada literatura “feminina” e os domínios religiosos e morais. Tais ensinamentos – expressos na forma de artigos, debates, conselhos e sermões, e propostas pedagógicas – visavam acentuar a complementaridade ou aperfeiçoar as diferenças de gênero e, particularmente, dotar as mulheres das qualificações necessárias ao correto cumprimento de suas tarefas sociais e biológicas, definindo claramente seus respectivos papéis. (QUINTANEIRO, 1995, p.159).

Esta educação feminina direcionada para a formação de uma vida conjugal era responsável pelo abandono da escola por um grande número de mulheres antes mesmo de saberem ler ou escrever, uma vez que a escola não era sua prioridade, e sim o matrimônio. No início do século XIX, a alfabetização das mulheres se restringia, em muitos casos, apenas a sua capacitação para uma leitura razoável de textos religiosos. Pais e maridos defendiam a ignorância como uma forma de evitar a correspondência amorosa. As disciplinas cursadas direcionavam para o estudo da língua pátria, da aritmética, da religião, do bordado e da costura. Já a partir de 1820, um novo impulso se estabeleceu na educação feminina no Brasil com a chegada maciça da tradução da literatura francesa, e o aprendizado da dança e do canto, apropriados para quem gostaria de brilhar nos salões (LEITE, 1984). Foi justamente essa vida nos salões que traria uma nova perspectiva para estas mulheres brasileiras em pleno século XIX.

A partir do segundo reinado o papel feminino na sociedade da corte adquiriu novos contornos. Até então, tradicionalmente esta mulher era preparada para as atividades do lar, sendo a cultura escolar apenas um verniz na sua formação. Como dito anteriormente, os pais chegavam a retirar suas filhas das escolas ao completarem 14 anos, considerando que, se, por um lado, tinham passado tempo demais na escola, por outro chegava a hora de arrumar um bom casamento e adentrar ao mundo dos eventos sociais (LEITE, 1984).

Hoje, ainda, a educação de uma brasileira está completa, desde que saiba ler e escrever corretamente, manejar o chicote, fazer doces e cantar acompanhando-se ao piano, num romance de Arnaud ou de Luíza Piaget. Até agora as senhoras não tomaram da civilização senão a crinolina, o chá e a polca. A crinolina ... Coisa de que afinal elas não têm necessidade. O chá – o mais detestável de todas as bebidas, a meu ver. A polca – dança elegante e leve que não se adapta nem ao seu temperamento, nem a sua compleição. É verdade

que conservaram o cafuné e o chicote, prova de que elas não são as principais escravas da casa (Charles Expilly, 1853 apud LEITE, 1984, p.73).

Além do cuidado com a administração da casa e a educação dos filhos, essa mulher, filha e esposa das elites políticas e econômicas imperiais, deveria ser também uma boa administradora do tempo, distribuindo seus afazeres entre a organização interna e as relações com o mundo exterior. Para tanto, em sua formação se tornou contínua a leitura dos guias, manuais e jornais que ditavam não apenas a última moda, mas também regras de comportamento diários e idéias a serem discutidas nos encontros sociais.

Percebemos nesta constante preparação das mulheres da elite urbana oitocentista uma continuidade de seu processo de treinamento, pois agora a escola seria outra: as festas, bailes, saraus, passeios públicos e eventos religiosos. A mulher seria retirada da escola para assumir o papel de colaboradora de pais, maridos ou irmãos na sua inserção e permanência nos círculos sociais, pois a

intensificação da vida comercial e política, em meados do século XIX, no Rio de Janeiro, exigia recepções formais e reuniões sociais maiores e mais complexas, nas quais as mulheres de classe alta tinham que ostentar prendas e habilidades adequadas, a fim de promoverem a posição da família (HAHNER, 2003, p.50).

Uma espécie de nascimento social começaria com sua apresentação, ainda adolescente, à comunidade, durante uma grande festa, ritual de passagem da vida de menina para a de mulher adulta. Vejamos o exemplo abaixo:

Em janeiro do ano seguinte (1853) os Bregaro convocam a alta roda do Rio de Janeiro a um grande baile para apresentar a filha que completava 17 anos (já lá vão 88!) e se agitava feliz, olhos e cabelos negros, toda de branco, junto às preferidas amigas. Constancinha Moller e as irmãs Mariquinhas e Teresa Santos, ora a buscar refrigério na cômoda intimidade da “vastíssima varanda que precede o magnífico salão”, ora neste, ofuscada pela “infinitude de bugias que derramavam torrentes de luz” refletidas e multiplicadas nos espelhos e cristais dos lustres, a valsar entre a flor à sociedade da corte (PINHO, 1942, p.19).

As adolescentes tímidas transformavam-se em mulheres com a responsabilidade social de receber bem e assim reafirmar o lugar social de sua família. Assim:

As mulheres, excluídas de qualquer participação nos negócios e na vida pública, reinavam no privado pelo sistema de etiqueta, das regras da “sociedade” e da “temporada”. Dirigiam a “sociedade” e

eram suas guardiãs: decidiam quem podia ser admitido ou excluído. O princípio se baseava numa rede de relações: não se acolhia ninguém que não fosse pessoalmente conhecido. A vida social se tornou mais seletiva, mais privada, tendo como cenário as casas ricas, sendo recebidos apenas os conhecidos. A família e os íntimos desempenharam um papel decisivo nessa esfera de inserção social, onde a admissão se fazia apenas pelas relações (HALL, 1991, p.85).

O papel feminino adquiriu novo significado, pois catalisava possíveis aliados, seduzia opositores e centralizava as identidades do grupo, sendo de extrema importância para a unidade de pensamento e ação das elites urbanas oitocentistas. Identificamos também a vida social como parte integrante do treinamento pelo qual passavam os membros da elite urbana, assim como todos aqueles que aspiravam fazer parte de seus quadros. Se os homens da “boa sociedade” possuíam, em sua maioria, uma formação jurídica, se alojando próximos ou dentro da burocracia estatal, suas mulheres passaram por outras formas de preparação.

As vidas das mulheres da elite oitocentista foram marcadas pela preparação para o casamento que “funda a continuidade social e familiar” (MARTIN-FUGIER *apud* PERROT, 1991, p.235). Estas obtinham da educação formal apenas elementos para auxiliá-las no papel de donas do lar, com destaque para a economia doméstica e a arte recreativa.

Na alta sociedade exige-se também música, principalmente piano, bem como o conhecimento das línguas francesa e inglesa e de desenho. As moças aprendem com facilidade a traduzir e a escrever a língua francesa, mas encontram em geral certa timidez para falá-las (DEBRET *apud* LEITE, 1984, p.75).

O currículo escolar pouco lhes servia, por isso saíam cedo da escola. Ao se prepararem para tornarem-se esposas e mães, buscavam companhia nas novelas de Balzac, Eugênio Sue, Dumas, George Sand e nos folhetins publicados nos jornais. Esta literatura era responsável, assim como a moda, pelo fortalecimento de um imaginário sobre a Europa, e com destaque sobre a França. Elas se muniam de todas as informações provenientes do Velho Continente, o que as credenciavam ainda mais em seu universo social.

Recebem da França gravuras das modas e esforçam-se por imitá-las a maior parte, porém manda fazer a roupa pelas grandes modistas francesas onde o menor vestido de baile custa quinhentos ou

seiscentos mil réis (TOUSSAINT- SAMSON *apud* LEITE, 1984, p.44).

Não importava o valor do vestido e sim seu efeito. Esse novo lugar feminino não significava que as mulheres haviam adquirido um patamar de igualdade para com os homens, mantinha-se, apesar de sua atuação social, um papel de submissão à figura masculina. Elas sustentaram com seu requinte, luxo e até sofrimento físico — é só lembrar o uso de espartilhos — o lugar da família na ordem social. Assim, a honra feminina representava a honra familiar, ocupando seu lugar na hierarquia da sociedade.

Cabiam-lhes o uso de vaporosos vestidos, a ostentação das jóias e a adoção das novidades. Enquanto isso os homens, cujo espaço profissional era cada vez mais valorizado, primavam pela austeridade dos trajes. Verificamos com isso uma ampliação dos antagonismos entre os sexos, o que se reforçou ainda mais no decorrer do século XIX.

Enquanto o traje feminino, passada a voga da simplicidade, se lançou novamente numa complicação de rendas, bordados e fitas, a indumentária masculina partiu, num crescente despojamento, do costume de caça do gentil-homem inglês para o ascetismo da roupa moderna (SOUZA, 1987, p.60).

Através da moda, as brasileiras acessavam a modernidade oitocentista, constituindo a adoção desta moda europeia pelas elites num forte elemento do processo civilizador brasileiro. À moda associavam-se o polimento dos costumes, as transformações urbanísticas e o exercício de novas sociabilidades. As mudanças ocorridas nas convenções da moda vinham ao encontro da necessidade de negar os “descuidos” e a chamada “frouxidão” dos hábitos coloniais, visão contestada por Gilberto Freyre, que via, em lugar do desleixo, a naturalidade, sendo o século XVIII “o mais brasileiro na história do país” (FREYRE, 2002). Freyre definia a europeização da moda promovida no século XIX como um movimento uniformizador dos costumes e, portanto, sem correspondência com nosso meio ambiente, resultando no aumento de sofrimento e doenças aos homens brasileiros.

Não é por simples retórica que dizemos que o preto das roupas, das máquinas, dos sapatos, das carruagens, dos chapéus, trouxe ao Brasil um ar de luto fechado. Tudo indica que a mortalidade entre

nós subiu com essas primeiras e largas manchas de reeuropeização da nossa vida e dos nossos hábitos. A tuberculose tornou-se alarmante. Os homens de croisé preto, de cartola preta, de botinas pretas tinham sempre algum enterro a acompanhar nas suas carruagens também pretas e tristonhas (FREYRE, 2002, p.340).

Freyre via a moda como mera imitação européia, como uma fantasia que os brasileiros vestiam e por isso sentiam-se civilizados. Todavia, defendemos que os maiores cuidados com a moda surgem paralelos a um processo de urbanização que cria novos espaços de socialização e sociabilidade, valorizando novos hábitos citadinos para aqueles antes confinados ao espaço da casa. A ampliação da iluminação foi também uma novidade que contribuiu para que as pessoas passassem mais tempo nas ruas e se cuidassem melhor para freqüentá-las. “... é realmente à noite que a rua do ouvidor se torna magnífica, esplêndida, maravilhosa! Vende-se o duplo do que se vendeu durante o dia” (PINHO, 1942, p.246- 247). Era a exibição substituindo a reclusão dos tempos coloniais, principalmente quando nos referimos às mulheres. Um dos grandes atrativos para que a sociedade saísse da segurança do seu lar foram as lojas e as ruas da moda. Vejamos o depoimento de Joaquim Manuel de Macedo no célebre livro *Memórias da Rua do Ouvidor*:

As senhoras fluminenses entusiasmaram-se pela Rua do Ouvidor, e foram intransigentes na exclusiva adoção da tesoura francesa. Nem uma desde 1822 se prestou mais a ir a sarau, a casamentos, a batizados, a festas e reuniões sem levar vestido cortado e feito por modista francesa da Rua do Ouvidor.

Houve revolução econômica: os pais e os maridos viram subir a cinquenta por cento mais a verba das despesas com os vestidos e os enfeites das filhas e das esposas.

A rainha da Moda de Paris firmou seu trono na Rua do Ouvidor (MACEDO, 1952, p.217).

A citação acima nos informa da importância da moda feminina e dos seus espaços de comércio e divulgação no Rio de Janeiro oitocentista. Através dela, as mulheres que mesmo ricas eram excluídas do mundo do governo e do mundo do trabalho, acessavam a modernidade européia e conseguiam se auto-representar como “civilizadas”. É importante lembrar que esta moda era um fenômeno que se coadunava com o viver urbano. Segundo Simmel (SIMMEL *apud* VELHO, 1987), ela se associava às grandes cidades da modernidade como um fenômeno da tomada de consciência da subjetividade

pelos indivíduos. Num mundo competitivo, a aceitação nos círculos sociais legitimava os cuidados com a apresentação social, pois, ao mesmo tempo em que afirmava a participação neste universo, promovia paralelamente a distinção social frente aos outros grupos. A disciplina no vestir, no comportar-se, no andar, distinguia o indivíduo das massas trabalhadoras, abrindo-lhe espaço para o convívio junto ao círculo da “boa sociedade”.

Por diferenciar o indivíduo e seu grupo, a moda era responsável pela formação de uma identidade coletiva e, conseqüentemente, parte importante na constituição de uma representação social das elites urbanas oitocentistas. Segundo Bourdieu, essa distinção

... não se esgota no conflito simbólico pela imposição de uma determinada representação da sociedade, mas se estende na produção de novos gostos socialmente diferenciadores e no abandono progressivo das práticas culturais quando estas são apropriadas pelas classes inferiores (BOURDIEU *apud* RAINHO, 2002, p.43).

A distinção se instrumentalizava na elegância ou na adoção de vestidos cujos moldes franceses eram diariamente divulgados pela imprensa carioca. Entretanto, em alguns momentos adquiriam contornos mais próximos dos hoje praticados por aqueles que fazem da *griffe* ou origem do produto um fetiche. Vejamos outra fala de Macedo:

O Wallerstein foi o Carlos Magno da Rua do Ouvidor.

Ó loja do Wallerstein!... A lembrança dos seus primores faz ainda palpitar corações, não de velhas, porque não há senhoras que o sejam, mas de senhoras que foram meninas e jovens durante o florescimento daquele gênio do bom gosto, florescimento que perdurou desde o fim do primeiro reinado até além da coroação do Imperador o Sr. D. Pedro II.

Havia na Rua do Ouvidor, e em outras como a da Quitanda, lojas que vendiam sedas, leques, chailes, etc..., a preço de vinte, trinta, cinquenta por cento menos do que se compravam iguais e algumas vezes inferiores na loja do Wallerstein; mas que importava isso? ... não eram do Wallerstein!... (MACEDO, 1954, p.218).

Encontramos não o objeto-roupa, mas sua assinatura, como aquela que agregava valor ao produto, garantia não apenas da qualidade ou do bom gosto, que poderiam ter concorrentes, mas sim como este estabelecia a distinção. Se arte e cultura, nela incluindo

a moda, transformaram-se em mercadoria na modernidade capitalista, maior se tornou o significado de seus produtos. A roupa adquirida nas lojas da moda era mais do que uma mercadoria possuindo papel simbólico e respeitabilidade junto ao grupo social que a reconhecia. A moda no mundo oitocentista era uma prática coletiva que traduzia e legitimava uma ordem, definindo também os guardiões do sistema (BACZKO, 1985). Vejamos outra narrativa, que, apesar de um pouco mais longa, merece ser citada:

No ano de ... (não quero expor-me à indiscrição marcando o ano), um deputado novo de alguma das províncias do norte, foi com a sua jovem e digna esposa à loja do Wallerstein, e à escolha deste, e sem questão de preço, comprou-lhe o mais distinto corte de seda para vestido, com que a senhora deveria aparecer em próximo baile diplomático, e encarregou ao Wallerstein da escolha da melhor modista, e de todos os ajustes com esta, e foi nisso prontamente servido.

Tudo ocorreu por conta e responsabilidade do famoso lojista, ditador da moda. Não sei qual foi a modista preferida, mas ou por tardo reconhecimento de deficiência do corte de seda, e falta de fazenda igual, ou por imprudentes estragos da tesoura, a tal modista para completar um dos panos da saia do vestido dissimulou na barra deste, e do lado esquerdo, uma emenda em forma de triângulo finíssima e quase imperceptível, cosida, e ainda mais oculta por baixo de rendas e flores.

Nem Cristóvão Colombo que descobriu a América nos desertos oceanos seria capaz de descobrir aquela emenda coberta por flores e rendas na barra de um vestido.

No ano de ... (não quero expor-me à indiscrição marcando o ano), um deputado novo de alguma das províncias do norte, foi com a sua jovem e digna esposa à loja do Wallerstein, e à escolha deste, e sem questão de preço, comprou-lhe o mais distinto corte de seda para vestido, com que a senhora deveria aparecer em próximo baile diplomático, e encarregou ao Wallerstein da escolha da melhor modista, e de todos os ajustes com esta, e foi nisso prontamente servido.

Tudo ocorreu por conta e responsabilidade do famoso lojista, ditador da moda. Não sei qual foi a modista preferida, mas ou por tardo reconhecimento de deficiência do corte de seda, e falta de fazenda igual, ou por imprudentes estragos da tesoura, a tal modista para completar um dos panos da saia do vestido dissimulou na barra deste, e do lado esquerdo, uma emenda em forma de triângulo finíssima e quase imperceptível, cosida, e ainda mais oculta por baixo de rendas e flores.

Nem Cristóvão Colombo que descobriu a América nos desertos oceanos seria capaz de descobrir aquela emenda coberta por flores e rendas na barra de um vestido.

A jovem provinciana não deu com o escondido defeito, e aplaudiu-se do seu vestido que lhe pareceu e era realmente distinto, e tão distinto que produziu no baile o mais lisonjeiro efeito.

Mas por isso mesmo no fim de pouco tempo algumas senhoras com seus olhos perscrutadores fizeram a descoberta da quase invisível emenda triangular! E umas por inveja e outras por inocente pediram à esposa do deputado explicações de semelhante novidade.

- Não sei; respondeu a senhora meio confusa, e corando vexada; não sei, o vestido veio-me do Wallerstein, que escolheu a seda, a modista e tudo dirigiu.

As curiosas ficaram atônitas ao ouvirem o nome do Wallerstein, e antes de terminar o baile, cada uma delas já achava graciosa a emenda triangular dissimulada entre rendas e flores; nenhuma, porém, confiou às outras a nova impressão que aquela novidade lhe causava.

Dez dias depois, em outro baile, todas as curiosas apresentaram-se com riquíssimas toilettes trazendo bem visível ao lado esquerdo junto à barra dos vestidos a emenda triangular: porém já exagerando a moda não só com a manifestação e com proporções maiores da emenda; mas também porque esta como negligentemente feita repuxava com pequenos arregaços a barra do vestido, de modo a deixar ver a ponta do sapatinho de cetim do pé esquerdo.

- Que extravagante e feia moda é aquela? Perguntavam algumas senhoras.

- É fantasia ... É emenda triangular à Wallerstein, respondiam as outras já informadas.

No dia seguinte, o Wallerstein foi obrigado a responder numerosas interpelações, e a emenda triangular caiu no ridículo (MACEDO, 1952, p 219-221)

Esta crônica da sociedade de corte é primorosa para pensarmos a relação da moda com o estabelecimento de uma identidade entre as elites urbanas oitocentistas brasileiras. A primeira imagem a ser destacada é a do deputado “forasteiro” que procura a casa de moda para comprar um vestido para sua esposa usar num evento social. Este seria acessório indispensável à inserção dela, assim como do marido, no universo social do Rio de Janeiro. Wallerstein tornou-se o intermediário, aquele que, através de sua produção, credenciava esta mulher à sociedade qualificando-a como “elegante”, e, portanto, passível de ser aprovada a compartilhar do universo da “boa sociedade”. O casal, por outro lado, se completava, cada qual assumindo um papel no teatro das relações sociais. Sua ascensão social passava pela competência administrativa e política do marido, mas também pela apresentação social das esposas e filhas. Elegantes, educadas, mergulhadas em sedas, enfim, pertencentes ao teatro da civilização. Todo um luxo que demonstrava

não apenas a boa condição financeira do casal, mas, principalmente, características, sinais e elementos passíveis de serem reconhecidos por todos, levando-os à aceitação no círculo social o qual desejavam frequentar (SOUZA, 1987; RAINHO, 2002). O acesso não diminuía a competição. As mulheres durante o baile examinaram a novata, avaliando sua capacidade de permanência no grupo privilegiado. Observavam minuciosamente, procurando um deslize. Como colaboradora, a esposa assumia um novo papel extremamente importante, pois se tornou também responsável por manter o casal nos círculos sociais. Para tanto, rearticulou sua imagem, tornando-se elegante, amável, interessada e sedutora. Colocou-se em xeque toda a velha imagem da família patriarcal, relativizando o personalismo da figura paterna e abrindo espaço para a individualização de outros membros. Assim, a esposa “(...) deixa de ser a eterna ausente do convívio social para ingressar nele como complemento indispensável do marido e como colaboradora ativa, porém velada, de sua carreira e seus negócios” (LAVELLE, 2003, p.77).

As jovens brasileiras ricas quando se destacavam em educação ou elegância, imediatamente eram comparadas às mulheres francesas, paradigma do “bom tom”. Em *Senhora*, de José de Alencar, a heroína Aurélia é comparada por sua amiga, D. Firmina, às moças de Paris, pois há de ser difícil encontrar no Rio de Janeiro uma moça que tenha sua educação. E nem mesmo, por Paris existiria uma senhorita tão refinada como Aurélia (ALENCAR, 1875). Percebam que o elogio ganha força por compará-la às moças parisienses, percebidas pela sociedade brasileira como dotadas de primorosa educação e modos civilizados, postura raramente encontrada em terras nacionais, como era o caso de Aurélia. A heroína de Alencar não conhecia a Europa, porém qualquer uma que tivesse visitado o “Velho Continente” atingiria um novo lugar social, condizente com sua imersão e experiência no mundo civilizado. A partir daí teria o reconhecimento de seu polimento e estaria legitimamente qualificada educar e civilizar a outros. Mas esta é uma outra história.

Referências

ALENCAR, José. *Senhora*. São Paulo: Moderna, 1993 206p.

BACZKO, Bronislau. *Imaginação Social*. In: ENCICLOPÉDIA Einaudi. Antropos- Homem. V.5. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda. Pg.296 a 330.

FONSECA, Janete Flor de Maio. *Correspondências de Viagem. Brasileiros na Europa Oitocentista*. Tese de Doutorado em História Social da Cultura. 1855 a 1898. BH/UFMG. Orientadora: Prof^a Dra. Thaís Velloso Cougo Pimentel, 2007.

FREYRE, GILBERTO. *Sobrados e Mocambos*. 13^a ed. São Paulo: Record, 2002.

HAHNER, June E. *Emancipação do sexo feminino. A luta pelos direitos da mulher no Brasil. 1850 – 1940*. Florianópolis: Ed. Mulheres; Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2003.

HALL, Catherine. Sweet Home. In: PERROT, Michelle *et al. História da vida privada*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991. p.53 a 87. (História da Vida privada no Brasil, v.4).

LAVELLE, Patrícia. *O Espelho Distorcido. Imagens do Indivíduo no Brasil Oitocentista*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2003.

LEITE, Miriam Lifchitz Moreira. *Livros de Viagem. 1803/1900*. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 1997.

_____. (Org). *A Condição Feminina no Rio de Janeiro. Século XIX*. São Paulo: Hucitec, Editora da Universidade de São Paulo; Brasília: INL-Fundação Nacional Pró-Memória, 1984. (Estudos Históricos, v.4).

PERROT, Michelle. *História da Vida Privada. Da Revolução Francesa à Primeira Guerra*. São Paulo: Cia das Letras, 1991.

PINHO, Wanderley. *Salões e Damas do Segundo Reinado*. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1942.

QUINTANEIRO, Tânia. *Retratos de Mulher. O cotidiano feminino no Brasil sob o olhar de viajantes do século XIX*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

SIMEL, G. A Metrópole e a Vida Mental. In: VELHO, Otávio Guilherme (Org.). *O Fenômeno urbano*. 4^a ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987. 133p.

SOUZA, Gilda de Mello e. *O Espírito das Roupas. A moda no século XIX*. São Paulo: Cia das Letras, 1987.